

**O FLAMBOYANT, MULUNGU E O SUPREMO DESEJO,
DE EUGÊNIO GOMES:
RESGATE DE ESCRITORES BAIANOS EM *O CONSERVADOR***

Nair Caroline Santos Ramos (UNEB)

caroline-somar@hotmail.com

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB/SALT)

conceicaoreis@ig.com.br

1. Introdução

O projeto de pesquisa Edição e Estudos de Textos Literários e Não Literários Publicados em Periódicos Baianos, coordenado pela professora doutora Maria da Conceição Reis Teixeira, tem como uma das suas metas resgatar a produção literária de fins do século XIX e início do século XX que se encontra dispersa em periódicos. Acredita-se que com o trabalho de resgate de textos de escritores que tem sua produção intelectual situado neste inteirom, especialmente aqueles que tiveram como único meio de difusão de sua produção os periódicos, estaria contribuindo para a preservação do patrimônio espiritual produzido em solo baiano e ao mesmo tempo contribuindo para o preenchimento de lacunas ainda existentes na historiografia literária baiana.

No presente texto, objetiva-se apresentar uma pequena amostra do trabalho filológico desenvolvido junto aos acervos documentais baianos, especialmente aqueles acondicionados no setor Periódicos Raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, situada nos Barris, em Salvador, Bahia. O recorte aqui focado incide sobre a produção literária do poeta e crítico literário Eugênio Gomes veiculada em *O Conservador*, em 1921.

2. Literatura baiana: meios de difusão

A literatura produzida na Bahia no século XX não alcançou todas as livrarias do país, por várias razões. Uma delas e talvez a mais significativa seja a falta de profissionalismo na indústria editorial na Bahia. Essa falta de profissionalismo contribuiu negativamente no sistema de distribuição dos exemplares produzidos, resultando em uma distribuição não homogênea. Guido Guerra, em depoimento, gravado em junho de 1981 e publicado em *Literatura Baiana 1920-1980*, de Valdomiro Santana, atrela o insucesso das editoras na Bahia ao fato destas não atuarem como

empresas e as tiragens das obras publicadas serem modestas, quase sempre voltadas para o rol de amigos do autor e do dono da casa editora:

Nosso movimento editorial sempre fracassou porque, estruturado em bases não empresariais, não resolveu o problema da distribuição em nível nacional.

As obras em geral aqui editadas nunca tiveram tiragens superiores a mil exemplares, dos quais uma parte irrisória é comprada pelos amigos no dia do lançamento (às vezes nem precisam comprar, são presenteados) e a maior parte, timidamente colocada no mercado livreiro local, sem outra chance senão o do ecalhe. (SANTANA, 2009, p. 95)

O mercado editorial baiano deste período está quase limitado a apenas três editoras: Cimape, Mensageiros da Fé, Livraria e Editora Progresso. Mas como lhes faltava profissionalismo, estavam, desde o seu nascedouro, condenadas a uma vida efêmera. Pelo que se sabe, elas só conseguiram realizar algumas poucas publicações. A título de ilustração, cita-se a Editora Cimape, fundada em meados da década de 70 do século XX, cuja principal meta era publicar e projetar autores baianos para os outros estados do Brasil, teve sua missão alterada para outros fins diferentes daqueles propósitos que motivaram sua criação, não aguentando manter-se em funcionamento, logo fechou seu parque gráfico. Santana (2009) afirma que, apesar de sua vida efêmera, a Cimape desempenhou um papel relevante para a produção baiana, especialmente por “[...] refletir o panorama da literatura baiana da época”. (SANTANA, 2009, p. 95) Santana atribui o insucesso desta editora ao fato de não atuar no mercado de forma profissional, faltava-lhes conselho editorial, pessoas especializadas para leitura dos originais e averiguação da qualidade da produção, para proceder à revisão do texto. Segundo ele, tudo era realizado amadoristicamente e à base da relação de amizade, da improvisação e do entusiasmo daqueles envolvidos no processo de produção e de escoamento. É categórico ao afirmar que

[...] Não havia critérios na seleção de títulos e nada que lembrasse uma política editorial. A tiragem era de mil exemplares e se limitava às livrarias de Salvador. Foi uma editora tão pobre que só tinha uma linotipo e uma impressora-zinha de notas fiscais, a única coisa que dava renda. (SANTANA, 2009, p. 96)

Outro exemplo é a Editora Mensageiros da Fé. Seu nicho de mercado era publicar ensaios e títulos de poesia. Segundo Santana (2009), a Mensageiros da Fé, dirigida por Luís Henrique Dias Tavares, professor e historiador baiano, firmou convênio com o Departamento Superior de Educação e Cultura o que lhe garantia renda para cobrir o custo com despesas do processo industrial da obra, livrando-se da dependência de re-

ceita incerta advinda da venda de cada exemplar da obra. Ao mesmo tempo em que a editora tinha garantido uma renda mínima, garantia também uma tiragem – mesmo que reduzida, provavelmente 500 exemplares – e uma distribuição circunscrita às livrarias da Bahia.

A Livraria e Editora Progresso é outra casa publicadora deste período e, das três aqui citadas, era a que atuava de forma mais profissional. Tinha um sistema de distribuição que ia além dos limites do estado, atingindo o sul do país, região de efervescência cultural e centro onde gravitavam as casas publicadoras do Brasil os meios de difusão da cultura letrada. A sua oficina gráfica foi responsável pela publicação da obra completa de Rui Barbosa e de boa parte da publicação das poesias de Carvalho Filho. Segundo Santana (2009), a Livraria e Editora Progresso era associada às grandes livrarias situadas no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, como, por exemplo, José Olympio, Livraria São José, e a Siciliano. As duas primeiras detinham o mercado do Rio de Janeiro e a última, o de São Paulo. Não seguimento o seu raio de ação a apenas uma área, pelo contrário, publicou ensaios em diferentes áreas do conhecimento, como sociologia e antropologia.

Da mesma forma que as outras duas casas publicadoras, pouco a pouco foi perdendo fôlego, espaço e terminou sendo obrigada a fechar suas portas, deixando os baianos sem espaço onde pudesse, mesmo que de forma modesta e com recursos próprios, ver sua produção intelectual circular, ser lido.

Diante deste quadro, não restava alternativa aos muitos escritores baianos a não ser recorrer aos periódicos para divulgar os seus escritos. Dentre estes, destaca-se aqui, a título de ilustração, os nomes de Anísio Melhor e Eugênio Gomes.

3. *Nazaré das Farinhas e O Conservador*

Nazaré, uma das cidades históricas do Recôncavo Baiano, localizada no centro sul as margens do Rio Jaguaripe, foi construída após a criação de uma capela em 1649. O município especializou-se na produção de farinha de mandioca ou farinha de copioba. Daí a cidade receber como codinome o topônimo Nazaré das Farinhas.

No século XIX, a cidade ascendeu com a implantação da estrada de ferro, que fazia a ligação do sertão, especificamente a cidade de Jequié, ao litoral. Em Nazaré foi situado o ponto final da estrada, tornando-

se um dos maiores postos de comercialização e uma das cidades mais importantes da Bahia.

Até as primeiras décadas do século XX, Nazaré foi um dos principais polos culturais do estado da Bahia, era detentora de importantes centros de difusão da cultura letrada, como, por exemplo, teatro, excelentes institutos de educação, empresas gráficas, imprensa jornalística. Dentre os periódicos que compunham a imprensa no interior da Bahia, especialmente a cidade em questão, destaca-se aqui o periódico *O Conservador*.

Em 05 de maio de 1912, Anísio Melhor, Edgar Matta e Militão Santos uniram-se para fundar, em sua terra natal, Nazaré, *O Conservador*, periódico semanal, de pequeno porte. O periódico tornou-se principal órgão de comunicação e de difusão da cultura do Recôncavo Baiano. Trazia o subtítulo *Semanario, Noticioso, Litterario e Popular*, o que definia as pretensões em ser difusor das produções artístico literárias da região. Nas milhares de edições que fez circular semanalmente tinha sempre um espaço reservado para a publicação de textos literários, como crônicas, poemas, contos e romances folhetins.

Na década de 1960, a ferrovia foi desativada, deixando a cidade no ostracismo, conseqüentemente, deixou de ser centro cultural importante da região e a imprensa jornalística também seguiu o mesmo destino. Após a construção da rodovia BA-001, que liga a capital baiana ao litoral sul do estado, a sua economia entrou em decadência. As principais atividades econômicas limitaram-se basicamente na produção de cerâmica, de azeite de dendê, de cachaça de alambiques e da pesca artesanal.

4. Eugênio Gomes, o poeta e crítico literário baiano

O crítico e poeta Eugênio Gomes nasceu, em 15 de novembro de 1897, uma pequena cidade chamada Camisão, atualmente Ipirá, situada no Recôncavo Baiano. Advindo de uma família de fazendeiros em decadência econômica, Eugênio Gomes foi o último dos filhos homens de uma família de sete irmãos.

Desde muito pequeno desenvolve o gosto pela literatura e encontra terreno fértil na biblioteca de seu irmão mais velho, Alarico, que cursava a faculdade de direito.

Segundo relatam algumas biografias do autor, em função de perseguições políticas e consequente desequilíbrio econômico, a família do crítico transfere-se para a cidade de Cachoeira. Eugênio é matriculado no colégio do professor Diógenes Silva. É nesta instituição de ensino que é plantada a semente do jornalista. O poeta, incentivado por seu professor, participa do jornalzinho que circulava internamente no colégio.

Em Cachoeira, o jovem dedica-se ao estudo da língua francesa e ao aprendizado de uma profissão nas oficinas do jornal *A Ordem*, aprimorando ainda mais o seu lado jornalista e aumentando a sua paixão pelo ofício. Anos mais tarde retorna a sua terra natal para auxiliar seu pai na contabilidade do comércio da família. Essa atividade não lhe roubava muito o seu tempo, deixando com muito tempo ocioso, o que sabiamente utilizava para ler todos os livros existentes na biblioteca de seu irmão e a enveredar pela escrita de seus primeiros versos.

Aos dezoito anos fica órfão, vê a loja familiar fechar as portas e resolve mudar-se para Salvador, com o objetivo de trabalhar e cuidar de suas duas irmãs mais novas.

Morre seu irmão Alarico, sua grande referência, quem, de certa forma, o ajudava a manter-se na capital. Resolve retornar para o interior. Cria laços de amizade com Castro Borges, e juntos fundam o primeiro jornal da cidade de Mundo Novo – BA. Nesse ínterim, estabelece amizade com o escritor Anísio Melhor, enviando seus textos para serem publicados em *O Conservador*.

Eugenio Gomes, em 1921, muda-se para Santo Amaro, mesorregião metropolitana de Salvador para exercer o cargo de contador na Usina Aliança. Nesse período, conhece o escritor Arthur de Salles com quem estabelece uma forte relação de amizade e cumplicidade. Como o amigo, que tanto respeitava e admirava, estava imbuído da missão de traduzir Macbeth, de Shakespeare, passou a estabelecer mais contato com a literatura inglesa, lendo vários títulos.

Em 1925, mudou-se novamente para Salvador onde iniciou luta para obter sua visibilidade no cenário literário nacional. Dois anos após a sua chegada a Salvador, conquistou uma coluna quinzenal no jornal *O Imparcial*, um dos mais importantes do país, iniciando a sua atuação como crítico literário. Estreita as relações com escritores, estudantes e jornalistas da cidade.

Na década de 1940, muda-se para a cidade do Rio de Janeiro – RJ, publica *D. H. Lawrence e outros ensaios* e *Influências inglesas em Machado de Assis*. A publicação desses dois livros o promove social e profissionalmente.

Em 1946, o crítico literário Afrânio Coutinho o convida para morar em Nova York, para exercer o cargo de redator da revista *Seleções do Reader's Digest*. Mas a grande metrópole americana não o fascinou muito e seis meses depois retorna ao seu país.

Ao retornar ao Brasil, Clemente Mariani convida-o para ocupar a função de secretário do Ministro de Educação e Saúde. Em 1947, é designado, pelo governo brasileiro, para a função de Adido Cultural da Embaixada Brasileira em Madri, Espanha onde permaneceu por quase um ano. Volta ao Rio, aposenta-se do serviço público. Em 7 de maio de 1972, aos 74 anos de idade, morre.

Acredita-se que a partir do momento que iniciou suas atividades de poeta e de crítico literário Eugênio Gomes tenha produzido centenas de textos que foram publicados em diversos periódicos brasileiros, tanto na Bahia como em outros estados do país. Provavelmente tem uma produção intelectual dispersa nos nossos periódicos que necessita ser resgatada e ofertada ao público leitor contemporâneo.

5. *O Flamboyant, Mulungu e O Supremo Desejo, de Eugênio Gomes: edição interpretativa*

Conforme se afirmou na introdução, são pretensões para o momento dar uma pequena amostra do trabalho filológico desenvolvido junto aos acervos documentais baianos, para tanto recortou do universo de 64 textos literários resgatados e 25 autores identificados, a produção literária do poeta e crítico Eugênio Gomes veiculada em *O Conservador*, em 1921.

Em função da exiguidade do tempo e do espaço disponível, do conjunto da obra do autor em estudo que já resgatadas do periódico *O Conservador*, foram selecionados três textos, a saber: “Supremo Desejo”, “O Flamboyant” e “Mulungu”. A escolha dos textos foi motivada pelo assunto tematizado: a natureza. Figuram nos títulos nomes de árvores frondosas.

O primeiro texto a ser editado é “Supremo Desejo”, soneto, publicado em *O Conservador*, em 27 de fevereiro de 1921, na segunda página, parte superior da folha, ocupando a quarta e quinta coluna. Tematiza “a mãe natureza”. Apresenta o eu lírico angustiado por saber que com a chegada da morte voltará a ser argila, material do qual foi feito.

O segundo é “O Flamboyant”, soneto, publicado em *O Conservador*, em 27 de fevereiro de 1921, na segunda página, parte superior, ocupa a quinta e sexta coluna. A árvore que dar nome ao texto, Flamboyant, é descrita nas estações do ano. No verão, mancha de sague, vida, vigor representada pelas flores de vermelho intenso, no outono, despida de suas folhagens.

O terceiro é “Mulungu”, soneto, foi publicado em *O Conservador*, em 4 de setembro de 1921, na segunda página, parte inferior, ocupando a quarta e quinta coluna. Retrata os dias de glória de uma árvore encontrada morta na estrada, cujas folhas servirão de pousada.

5.1. Critérios adotados na edição interpretativa

Os critérios de edição adotados são aqueles comumente utilizados para outros trabalhos já realizados com o projeto Edição e Estudos de Textos Literários e Não Literários Publicados em *O Conservador*. Durante o Desenvolvimento do trabalho filológico procurou-se seguir o que preconiza e metodologia de trabalho proposta pela crítica textual moderna, especialmente para textos de imprensa, de testemunho único. Na edição aqui apresentada, foram seguidas as seguintes normas:

1. Indicar entre colchetes o acréscimo de letras ou palavras, ausentes no original por manchas ou rasgos do suporte, mas passíveis de serem depreendidas pelo contexto.
2. Manter a pontuação original.
3. Conservar os estrangeirismos conforme apresentados pelo autor.
4. Manter as opções tipográficas do autor quanto ao uso de itálico, negrito e aspas.
5. Manter a distribuição do texto em estrofes, conforme original.
6. Atualizar a grafia, conforme as normas atuais.

5.2. Edição dos textos

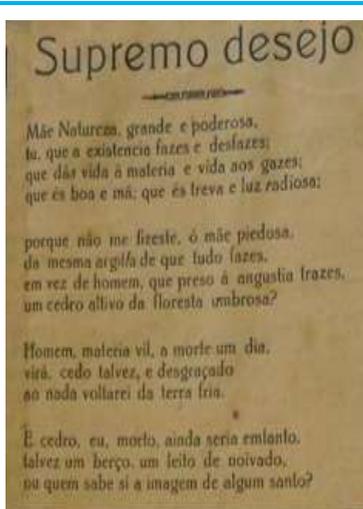
Supremo desejo

Mãe Natureza, grande e poderosa,
tu, que a existência fazes desfazes;
que dás vida á matéria e vida aos gazes;
que és boa e má; que és treva e luz radiosa;

porque não me fizeste, ó mãe piedosa,
da mesma argila de que tudo fazes,
em vez de homem, que preso à angústia tra-
zes,
um cedro altivo da floresta umbrosa?

Homem, matéria vil, a morte um dia,
virá, cedo talvez, e desgraçado
ao nada voltarei a terra fria.

E cedro, eu, morto, ainda seria entanto,
Talvez um berço, um leito de noivado,
ou quem sabe se a imagem de algum santo?



O Flamboyant

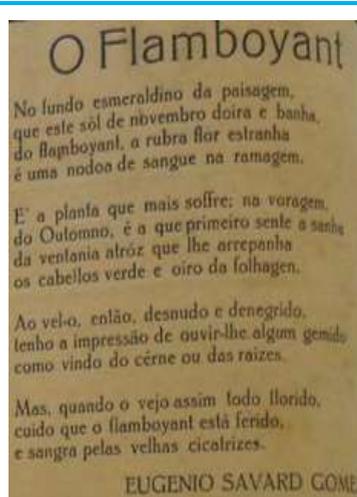
No fundo esmeraldino da paisagem,
que este sol de novembro doira e banha,
do flamboyant, a rubra flor estranha
é uma nodoa de sangue na ramagem.

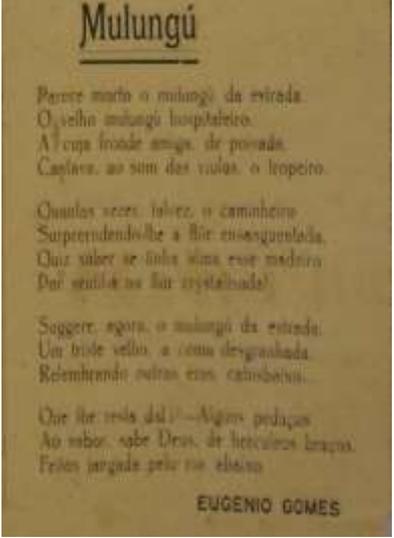
É a planta que mais sofre; na voragem,
do Outono, é a que primeiro sente a sanha
da ventania atroz que lhe arrepanha
os cabelos verde e oiro da folhagem.

Ao vê-lo, então, desnudo e denegrido,
tenho a impressão de ouvir-lhe algum gemido
como vindo do cerne ou das raízes.

Mas, quando o vejo assim todo florido,
cuido que o flamboyant está ferido,
e sangra pelas velhas cicatrizes.

EUGENIO SAVARD GOMES



<p style="text-align: center;"><u>Mulungú</u></p> <p>Parece morto o Mulungu da estrada, O velho mulungu hospitaleiro, À cuja fronde amiga, de pousada, Cantava, ao som das violas, o tropeiro.</p> <p>Quantas vezes, talvez, o caminheiro Surpreendendo-lhe a flor ensanguentada, Quis saber se tinha alma esse madeiro, Por senti-la na flor cristalizada!</p> <p>Sugere, agora, o mulungu da estrada, Um triste velho, a coma desgranhada, Relembrando outras eras, cabisbaixo...</p> <p>Que lhe resta dali? – Alguns pedaços Ao sabor, sabe Deus, de hercúleos braços, Feitos jangada pelo rio abaixo.</p> <p style="text-align: right;">EUGENIO GOMES</p>	
--	---

6. Considerações finais

No presente trabalho, procurou-se dar uma pequena mostra do trabalho que se vem desenvolvendo no processo de recolha, transcrição e edição de textos literários e não literários veiculados no periódico *O Conservador*, particularmente, buscou-se trazer ao leitor contemporâneo alguns sonetos do poeta e crítico literário Eugenio Gomes.

A edição de textos é um dos exercícios mais nobres da filologia textual, que poderá dar sua contribuição para o preenchimento de lacunas ainda existentes na historiografia baiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ivã. *Visões de espelhos: Percurso da crítica de Eugenio Gomes*. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2007.

ANDRADE, Ediane Brito; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Esboço sobre uma escrita biográfica de Antônio Ferreira Santos a partir de uma leitura de *O Conservador*. *Cadernos do CNLF*, v. 16, n° 4, t. 2, p. 1859 a 1869.

ANDRADE, Ediane Brito. *Da Vida, de Antônio Ferreira Santos: uma proposta de edição*. 2012. 63 f. Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia. Campus I. Departamento de Ciências Humanas. Salvador-BA.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad.: José Paulo Paes. [2. ed.] São Paulo: Cultrix, 1972.

GOMES, Eugênio. Supremo desejo. *O Conservador*, Nazaré, v. 1, n. 36, p. 02, 27 de fev. de 1921.

_____. O flamboyant. *O Conservador*, Nazaré, v. 1, n. 36, p. 02, 27 de fev. de 1921.

_____. Mulungú. *O Conservador*, Nazaré, v. 1, n. 13, p. 02, 4 de set. de 1921.

SANTANA, Valdomiro. *Literatura Baiana 1920-1970: depoimentos*. 2. ed. ver. amp. [Salvador]: Casa de Palavras/Fundação Casa de Jorge Amado, 2009.

SCARANTE, Ionã Carquejo. *Um convite à leitura de Anísio Melhor*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Campus V. Departamento de Ciências Humanas. Santo Antônio de Jesus – BA.

SKYSCRAPERCITY.COM. Disponível em:

<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1183199>>. Acesso em: 19-06-2013.